



VOZ DAS CINCO VILAS

(AVENÇA)

Redacção e Administração JANEIRO DE 1971
Chão de Couce (Tel. 191) — Avelar ANO V N.º 49

— PERIÓDICO REGIONAL DE INFORMAÇÃO —

DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR: ADRIANO SIMÕES SANTO. — REDACTORES: ACÍLIO E. ROCHA, CARLOS M. MENESES FALCÃO. — ADMINIST.: SERAFIM AFONSO, ARMÉNIO M. FERREIRA — Comp. e imp.: Gráfica de Coimbra

EM DIA DE ANOS

MAIS um aniversário!
No decorrer de cada ano há momentos em que o peso das dificuldades nos leva ao desânimo e ao desabafo: vamos acabar... já chega de trabalhos...

Entretanto reanima-se o espírito, renova-se a esperança e surge a decisão: mais um ano!

Pois cá estamos no nosso aniversário, no limiar do 5.º ano!

Fazer um jornal — um jornal que não saia apenas por sair (aliás o simples viver já seria mérito...) mas que traga em cada número a seiva renovada duma mensagem, o frescor latente dum ideal, um pouco da alma e vida da terra-mãe — exige apreciável conjugação de esforços e um trabalho criterioso, dedicado, continuado, persistente.

Coligir a necessária e variada colaboração, batendo à porta dos amigos com insistência e impertinência, prendermo-nos à mesa de trabalho com dias e horas contados, deslocarmo-nos à tipografia e exigir dos amigos tipógrafos quase o impossível, determo-nos sobre o livro de contas e no trabalho de cobranças para conseguir as dezenas de milhares de escudos necessários, elaborar e actualizar, dia-a-dia, os endereços e ficheiro de assinantes — eis um pouco do que é necessário para que em cada mês saia a público esta modesta folha — porta-voz duma causa nobre que é o «progresso espiritual e social da região».

«Voz das Cinco Vilas» é obra duma equipa de trabalho que sabe o que quer e o valor do seu esforço.

Ao iniciar novo ano, essa equipa reuniu. Reuniu em amiga confraternização e a traçar directivas para a continuidade desta pequena obra — contributo modesto mas válido em prol das gentes a quem se dirige. Todos saímos dessa reunião mais dispostos à colaboração dedicada, em espírito de serviço, para que o nosso modesto jornal prosiga no seu caminho, renovando-se dia a dia, realizando a missão para que foi criado, indo ao encontro dos problemas concretos dos seus leitores, quer no domínio material quer espiritual.

«Voz das Cinco Vilas» vai prosseguir. E vai prosseguir cada vez mais jovem. A mensagem que levará aos seus leitores é a mesma da primeira hora: despertar a comunidade para os seus problemas humanos e cristãos, esclarecer a verdade que salva, unir os de perto e os de longe em autêntica família.

A todos pedimos amiga colaboração e a Deus a necessária ajuda.

Escola Preparatória de Ansião

As forças vivas do nosso concelho, nas pessoas do sr. Presidente da Câmara Municipal Prof. Elísio de Oliveira, vice-presidente Alfredo Dias Coelho, Dr. Vítor Faveiro, etc., acabam de avistar-se com o sr. Ministro da Educação Nacional, pedindo a criação duma Escola do Ciclo Preparatório para Ansião — pretensão que foi atendida.

«Voz das Cinco Vilas» — um dos primeiros órgãos da imprensa a pugnar por este melhoramento do ensino oficial — congratula-se por tão notável empreendimento.

«As cinco freguesias de Chão de Couce, Avelar, Pousaflores, Maçãs de D. Maria e Aguda formavam, reunidas, a Comarca das Cinco Vilas antes da divisão territorial de 31 de Dezembro de 1836». Constituíram também Arciprestado, o qual se integrou no de Ansião e Cinco Vilas, em Janeiro de 1969.

«VOZ DAS CINCO VILAS»

REUNIU

No passado dia 2 reuniu em amigoso convívio o grupo dos principais responsáveis e colaboradores do jornal.

Foi na pensão «Larsol» em Avelar. Após o almoço foram expostos, pelo Director, os principais problemas do jornal e pedida a continuidade da colaboração de todos. Foram apresentados alvitre para a valorização de «Voz das Cinco Vilas».

Estiveram presentes além dos párocos das freguesias atingidas pelo jornal os seguintes colaboradores: Dr.ª D. Maria Alice Abreu Medeiros (TAISS) e seu marido Dr. José Emídio Figueiredo Medeiros, Manuel Leal Júnior e sua esposa, Acílio da Silva Estanqueiro Rocha, aluno da Pontifícia Faculdade de Filosofia de Braga, Maria Emilia Vaz Afonso, aluna da Faculdade de Letras de Coimbra, Serafim Afonso e Arménio Marques Ferreira.

Três jovens arrebatados à vida

Em menos de um mês três jovens desceram à campa fria no cemitério de Chão de Couce.

Três jovens estuantes de vida que viam à sua frente, com optimismo, o largo caminho da existência.

JORGE MANUEL VILA REAL MARQUES se chamava o primeiro. Nasceu na Beira (Moçambique) e foram seus pais Raúl Marques Ferreira, de Tojeira, e D. Maria Fernanda Vila Real Ferreira. Era estudante aplicado e brioso, em Coimbra. Tinha 19 anos.

A morte veio arrebatá-lo e a mais dois colegas, quando no seu carro deslisava em Meirinhas, próximo de Pombal.

Seus pais, com a alma em dor,

(Continua na pág. 3)



ANO NOVO! VIDA NOVA...

MAIS um ano nos deixou e mais um ano nos bateu à porta! Palpitam os nossos corações como se abrissemos uma caixinha de segredos!

Fazemos projectos, olhamos para o que passou e pensamos muito ingenuamente: «Ano novo, vida nova!» Sim, é justo, é louvável até que assim pensemos! Já os nossos avós o diziam e di-lo-ão, concerteza, os nossos netos!

Mas... será realmente as-

sim? Nós vamos realmente encetar uma vida nova? Não será este ano novo uma simples continuação do que passou?

— Não! Diremos cheios de optimismo!

— Claro que não! Dizemos todos.

E então cheios de boa vontade, começamos a tirar das gavetas e das estantes tanta coisa velha que o tempo foi acumulando e que agora só servem para lixo! Depois de

(Continua na pág. 3)



NO PRÓXIMO NÚMERO:

«COMO EU VI OS PAÍSES SOCIALISTAS»

Entrevista com o Rev. Dr. António Freire (natural de Pousaflores).

A PAZ — Apelo instante de Paulo VI

Registamos alguns passos do Apelo do S. Padre Paulo VI em ordem ao Dia da Paz:

O quarto Dia Mundial da Paz terá por tema: «Todos os homens são meus irmãos». A intenção do

Desastre mortal

No lugar de Pombais caiu de uma oliveira o sr. Manuel Lourenço, motorista, de 52 anos, casado com a sr.ª Almerinda de Jesus Jorge.

Conduzido aos Hospitais de



Coimbra ali se manteve cerca de 15 dias após o que faleceu.

O seu funeral para o cemitério de Chão de Couce foi eloquente manifestação de pesar o que bem prova a muita consideração em que era tido.

Deixa 4 filhos, 2 dos quais menores.

Paz à sua alma e pêsames à família.

Papa, ao fazer esta escolha, foi a de ajudar a ter consciência da unidade da família humana e, ao mesmo tempo, de favorecer uma solidariedade mais franca e mais profunda entre os homens, condenando as discriminações baseadas nas distinções de raça, de cor, de cultura, de grupo étnico, de sexo, de classe social ou de religião.

*

A fraternidade humana revela a sua verdadeira natureza e a sua verdadeira nobreza quando é considerada na sua fonte suprema, Deus que é Amor (Cfr. I Jo. 4,8) e «Pai de todos» (Ef. 4,6).

Jesus Cristo «Primogénito de muitos irmãos» (Rom. 8,29) instituiu relações de filiação adoptiva entre o Pai e a humanidade e assegura, com este mesmo facto, laços de fraternidade universal: «um só é vosso Pai» (Mt. 23,9).

Para o cristão, portanto, a garantia suprema da unidade da família humana consiste em Deus, Pai criador, perante o qual todos os homens são iguais em dignidade, porque criados «à sua imagem».

A Igreja tem a missão de trabalhar para reunir todos num só povo de Deus ao longo da História a conclusão final deste voto será realizada num «novo Céu e nova nova Terra», quando Jesus apresentar o seu Pai a humanidade nova, unificada num «só rebanho» (Jo. 10,16).

*

Como afirma claramente o II Concílio do Vaticano: «Não podemos, na verdade, invocar a Deus,

Pai de todos, se nos recusarmos a tratar fraternalmente determinados homens criados à imagem de Deus. As relações do mesmo homem para com os outros homens, seus irmãos, estão de tal maneira unidas, que a Sagrada Escritura afirma: «quem não ama, não conhece a Deus» (I Jo. 4,8) (Nostra Aetate, 5).

*

O «Dia Mundial da Paz» propõe-se não só chamar a atenção do meio católico, mas também a de todos os promotores da paz no mundo. A própria escolha do tema coloca-o num contexto de cooperação com a campanha mundial das Nações Unidas contra o

(Continua na pág. 3)

NESTE NÚMERO:

- Em Dias de Anos
- O Jornal — Órgão de Apostolado — por J. Pinho Nunes
- Paz — Apelo de Paulo VI
- Porque não... Natal todo o Ano! — por M. Alice Abreu Medeiros
- Crónicas do Passado — por M. Leal Júnior
- A Igreja e a Promoção Social — por P. Manuel Gaspar Furtado
- Impressões do Estrangeiro — por A. S.
- Oração — Versão de M. Simões
- Ano Novo! Vida Nova! — por E. A.
- Nota do Mês — Noticiário, etc.

MAÇÃS DE D. MARIA

Estrada entre Maças e Cabeças

A quando da estadia do sr. Ministro das Obras Públicas em Alvaizere foi pedida a realização de um grande melhoramento para esta freguesia: a estrada entre Maças e Cabeças.

Trata-se de um percurso de 4 km., que serve uma vasta região florestal e a Ribeira de Alge. Já no corrente ano as populações visadas dispenderam ali mais de 120 contos, além de muito trabalho e suor, na abertura e terraplanagem do caminho. Justo é, pois, que o Governo e a Câmara dêem as mãos àquela gente e assim vai suceder. O sr. Ministro mandou elaborar o projecto com a promessa de que seria participado. Esta obra custará cerca de 1.200 contos.

Outras obras pedidas

Posteriormente foi ainda solicitada a construção das seguintes estradas desta freguesia:

— C. M. 1117, entre a E. N. 110 no Barqueiro e Alqueidão (de Pussos e Maças de D. Maria), com 116 habitantes e Venda do Henrique, no limite do Concelho. As populações ofereceram o projecto. Este caminho tem a extensão de 2.500 metros.

— C. M. 1109, de Maças de D. Maria a Várzea, com 155 habitantes, na extensão de 2.500 metros.

— C. M. 1109, de Casal Novo a Vale de Tábuas e ao C. M. 1109-1, na extensão de 1.000 metros.

— C. M. 1110f de Sigoeira de Cima por Vale da Porca, Conhal e Relvas a C. M. 1109, na extensão de 2.500 metros.

— C. M. 1109-2, de Casal dos Serralheiros (77 habitantes) por Charneca (91 habitantes) e Amieiras (62 habitantes) ao C. M. 1109, na extensão de 1.500 metros.

— C. M. 1112, de Nexebra (71 habitantes), na extensão de 750 metros.

(98 habitantes) à E. N. 110 por Pardinheira (87 habitantes), na extensão de 1.500 metros.

A V E L A R

Novos Cristãos

Receberam ultimamente o sacramento do Baptismo na igreja da Senhora da Guia:

— Ana Maria Valente da Silva, (filha de António da Silva e de Alice Rodrigues Valente da Silva, da Rascoia; foram padrinhos Fernando Rosa Martins e Laura Augusta Fernandes;

— Maria Leonor Dias Fernandes, filha de Jaime Rosa Fernandes Andrade e de Aurora Dias Guerra, do Casal de Santo António; foram padrinhos António da Assunção Castanheira e Maria Graciete Godinho;

— Lúcia Maria Rosinha Jacob, filha de Américo Nunes Jacob e de Lúcia de Jesus Rosinha, da Rua da Escola; foram padrinhos Armindo Simões dos Santos Fernandes e Adélia Rosinha;

— Isabel Maria Francisco da Guia, filha de Carlos Alberto Henriques da Guia e de Maria da Piedade da Glória Francisco, da Rapoula; foram padrinhos Porfirio Seco Francisco e Maria Isabel Henriques da Guia;

— José Carlos da Glória Francisco, filho de Augusto Francisco e de Prudenciana Glória Seco, da Rapoula; foram padrinhos Carlos Alberto Henriques da Guia e Maria Teresa Rocha;

— Lurdes Maria da Glória Francisco, filha de Augusto Francisco e de Prudenciana Glória Seco, da Rapoula — esta é gémea do anterior; foram padrinhos Artur Ribeiro Alves e Maria de Lurdes da Piedade Francisco.

A todos os nossos desejos de felicidades.

Novos Lares

Realizaram o seu casamento diante do altar de Nossa Senhora da Guia:

— António de Freitas Alves e Maria de Fátima Guimarães Fernandes; foram testemunhas o sr. Dr. António Feio Neves da Gama e Humberto Rosa Freire;

— José Ulán Pereira e Maria Alice Nunes Mendes; foram testemunhas José de Jesus Neves e Alberto Mendes.

Natal

Não passou despercebido este Natal em Avelar. E este ano foi passado ainda em maior intimidade no seio do lar, pois os rigores do frio não convidavam a sair. Foram inúmeras as pessoas que, vivendo fora, vieram juntar-se aos seus.

Houve, como é tradicional, a missa da meia noite, e depois ao meio dia, ambas muito frequentadas.

Dias antes, fez-se uma distribuição de roupas e géneros a pessoas necessitadas. Tudo foi discretamente levado a casa de cada um, e foram umas boas dezenas. Obra de quem deu, juntou e distribuiu. Mas a alma foram as senhoras da Conferência de S. Vicente de Paulo. Deram mais um rico exemplo de fazer o bem pelo bem, pelo amor ao próximo e a Deus, já que quem dá aos outros em necessidade, empresta a Deus. Bela jornada cristã sem espanto nem barulho.

As obras do Terreiro

Prosseguem em bom ritmo os trabalhos de beneficiação da Praça Costa Rego. Além do que foi referido no número anterior do nosso jornal, procede-se a serviços preliminares para a instalação de um parque infantil com divertimentos para crianças, um local para festas com os devidos acessos e bancadas para os espectadores, parques para estacionamento de automó-

veis e arruamentos em toda a volta da igreja, o que muito virá melhorar o aspecto da Praça central desta vila.

Pelo Hospital

Têm tido grande afluência os serviços clínicos do hospital. Os casos de assistência a doentes de urgência têm sido muito requisitados. Ainda recentemente o nosso amigo Dr. Silvestre foi socorrido de emergência com soros até à exaustão, o que obviou a um caso muito grave que poderia ter sido fatal.

Também o serviço de partos tem sido permanente, assistindo parturientes de toda a região das Cinco Vilas e arredores. Ainda uma grata notícia: foi pedido subsídio para a aquisição de uma ambulância para o hospital, que tanta falta faz. Esperamos que seja concedido em breve.

Seria desnecessário esclarecer que por detrás de todos estes movimentos está a alma e o coração de Alfredo Dias Coelho, administrador do hospital e vice-presidente da Câmara do concelho.

Os que partiram...

Em Coimbra, vítima de doença que não perdoa, faleceu António Lopes do Rego, do Pontão. Contava 88 anos e era casado com Maria de Jesus.

— No Casal de Santo António faleceu Bonifácio Fernandes Andrade, de 82 anos. Era casado com Ana de Jesus.

— Na Rua da Vila faleceu Justina do Nascimento, de 95 anos. Era viúva de José Maria Medeiros.

Paz às suas almas e sentidos pesames às suas famílias.

A G U D A

Escolas

Estão devidamente preenchidas por pessoas diplomadas as três escolas de ensino primário—Aguda, Almofala e Lomba da Casa e os quatro postos escolares—Ribeira d'Alge, Fato, Chimpeles e Moninhos.

É de notar este facto por haver, por esse país fora, tantas escolas e postos vagos por falta de pessoal.

Há ainda a acrescentar o posto de ensino de Ponte de São Simão que está a funcionar com pessoa devidamente habilitada.

Novo ramal

Inaugurou-se um novo ramal entre a Ribeira d'Alge e a Saonda que muito beneficia aquela zona.

Censo populacional

Está em organização o censo populacional desta freguesia.

Esse trabalho foi entregue a três estudantes que com competência e zelo estão a levar o cabo tal tarefa. O povo tem colaborado com delicadeza e compreensão. A primeira impressão é a diminuição do número de famílias e de pessoas.

Novos cristãos

Fernando José, de Lomba da Casa, filho de Abílio da Conceição Jorge e Zilda Silva Simões.

POUSAFLORES

Salão Paroquial

Vão brevemente começar as obras para a conclusão do Salão Paroquial, interrompidas por causa da reconstrução da Capela. Mor da nossa igreja. Uma ache-ga valiosa em cheque do Banco Português do Atlântico, veio ter às nossas mãos, vinda de Lunda, como prenda do Menino Jesus, e convertido aqui em notas do Banco de Portugal, perfaendo a bonita quantia de 10 contos. É a quarta vez que um coração generoso e amigo dá enpurrão forte a esta obra tão importante à vida da paróquia.

Se a matemática antiga ainda é válida, a soma atinge já 35.000\$. É pena que a modéstia de tão grande benfeitor não consinta em letra redonda a divulgação do seu gesto. Uma coisa, porém, não pode ele evitar, é que tal generosidade deixa de ser escrita em letras de ouro, pelo nosso Bom Deus! Bem haja!

Estrada entre a Portela de S. Lourenço e Pousaflores

Dissemos no nosso jornal de Dezembro p. p. que nos foi garantido por pessoas dignas de todo o crédito, que os trabalhos de reparação da estrada entre Pousaflores e Portela de S. Lourenço, começariam no dia 14 do referido mês.

Consta-nos, porém, que não foi possível ao dinâmico empreiteiro,

sr. Manuel Gomes, dar esse início, não só devido péssimo tempo que tem feito mas ainda por causa de outros trabalhos em curso. Foi, certamente, por estar persuadido de que tal reparação estava praticamente concluída, que o nosso Ex.^{mo} Presidente da Câmara Municipal, na sua magnífica exposição dirigida a Sua Ex.^a o sr. Ministro da Educação Nacional, a pedir a criação em Ansião, de uma Escola de Ciclo Preparatório, afirmou: «todas as sedes de Freguesia estão ligadas à sede do Concelho por boas estradas alcatroadas».

Festa do Seminário

É assim vulgarmente conhecido, por festa do Seminário, o dia em que as ofertas são leiloadas, respectivamente no patim das fogaças, em S. João de Brito e no salão paroquial, na sede da freguesia. A nossa gente moça não se poupou a sacrifícios para efectuar o pedidório.

Não foram ainda vendidos o azeite e os cereais, mas presume-se que haja baixa de rendimento em relação ao ano de 1969.

É que, era este ano, o ano da grande safra de azeitona e verificou-se ser muito reduzida a colheita.

Baptismos

Na nossa igreja paroquial receberam o Sacramento do Baptismo as crianças que seguem:

No dia 20 de Dezembro a menina Helena Maria da Silva Morgado, filha de Manuel Nunes Morgado e de Maria da Conceição Silva, residentes no lugar da Bairrada. Foram padrinhos Lino Rodrigues Morgado e Maria Simões Rodrigues, da vizinha freguesia de Almoster; No dia 26, a meni-na Isabel da Conceição Viseu, filha de Aureo Viseu e de Maria Celeste da Conceição, residentes no lugar da Lameira. Foram padrinhos José Ramôa Gonçalves e sua esposa Maria Eugénia Ferreira Gonçalves residentes na freguesia de Odivelas.

No dia 27 do dito mês, a menina Maria Angelina das Neves Cruz, filha de Acácio da Cruz e de Maria do Céu Jesus Neves, residentes no lugar das Cavadas.

Neste mesmo dia, o menino José Luís Marques Veríssimo, filho de José das Neves Veríssimo e de Maria Fernanda Luz Marques, residentes no lugar de Pereiro de Cima. Foram padrinhos José Matias e sua esposa Maria de Jesus Serra, residentes também no referido lugar.

No dia 1 de Janeiro de 1971, o menino Henrique Marques Gomes, filho de João Marques Gomes e de Maria Teresa Marques Gomes, do lugar de Pousaflores. Foram padrinhos o Miguel e a Paula, seus primos residentes em Lisboa.

Finalmente, no dia 3 de Janeiro, a menina Carola Filomena Gomes, filha de Maria da Conceição, do lugar da Pedra Branca. Foram padrinhos Aureo Viseu e sua esposa Maria Celeste da Conceição.

(Continua na pág. 3)

Crónicas do passado

Alguns indivíduos da freguesia de Aguda nascidos na primeira metade do século passado e que vieram a falecer nos primeiros decénios do actual.

Quando principiou o presente século tinha eu 9 anos. Passando em 1902 para Leiria onde frequentei o seminário e o Liceu, vinha passar algumas férias ao meu Salgueiro, não me cansando de ouvir os relatos que minha avó materna fazia sobre coisas que eram do seu conhecimento e que não esqueci. Tinha ela nascido em 1830 e fazia relatos de factos anteriores, transmitidos por sua mãe, minha bisavó, que passara alguns dias escondida numa mina para se livrar dos franceses de 1810.

Depois de 1920 a 1930 em que estive como chefe dos C. T. T. no Avelar, recordei ainda muitas coisas que com o tempo serão publicados. Aí vão algumas pessoas que conheci:

Aguda — Além do Vigário Fidalgo, Padre Abílio João de Melo Freire, recordei o sacristão Damásio da Silva, o meu tio Adelino, pedreiro de profissão que trabalhou na reconstrução da igreja de Figueiró, palmilhando diariamente o caminho entre a sua terra e aquela vila, e Manuel da Silva que tinha uma loja junto do velho arco. Usava barbas compridas e pacificamente ia, no fim da missa, aviando os amigos do copo que ali acorriam. Tinha lá dentro um quadro com um bucha e um estica representando o que não fiava e vendia a crédito. Também lá havia um dístico que dizia — Hoje não se fia, amanhã sim.

Porém, nesse tempo, a figura mais respeitada era o António Jorge, regedor em todas as facções políticas, pois os Lacerdas e os Vasconcelos de Figueiró eram revesados quando se mudava de governo, quer fossem regeneradores, progressistas ou até franquistas. O que não sei é se o mesmo transitou para a república.

Era homem bom, amigo de todos.

HENRIQUE SERRA

Acompanhado de sua esposa esteve entre nós o sr. Henrique Rodrigues Serra, considerado industrial em Lourenço Marques, natural de Ameixieira.

Tiveram a gentileza de nos apresentar os seus cumprimentos de despedida, ao regressar ao Ultramar, confiando-nos 1.000\$00 para as obras do Salão Paroquial, o que agradecemos.

Aos Lavradores

Chamamos a atenção para um edital que nos foi enviado e para outros que se encontram afixados.

Refere-se a alguns focos de «febre aftosa» em bovinos, suínos, ovinos e caprinos.

Entre as normas indicadas, salienta-se a de, em tais casos, comunicar à Intendência de Pecuária ou ao Médico Veterinário Municipal e a de manterem isolados os animais doentes.

Também era muito popular o barbeiro e entendido em medicina, António Curado de Abreu que diariamente percorria a sua área para fazer a barba aos fregueses e receitando algumas ervas medicinais para doenças banais.

Era severo na educação dos filhos conseguindo que alguns triunfassem na vida, como o Ludgero, Manuel, César e Ambrósio, recentemente falecido.

Era coxo de uma perna pelo que se apoiava a uma bengala. **Casal de S. Simão** — Era neste lugar a nossa escola, única na freguesia, antes da criação da Lomba da Casa, de que muito bem me lembro.

Recordo o lavrador José Gomes da Silva, casado com uma irmã do professor Teixeira da Pena e pai dos meus companheiros de escola, João Gomes da Silva Teixeira e Fernando Teixeira ainda residente na casa paterna e D. Maria Augusta, residente em Aguda.

Lá nasceu e viveu o **Ti Pad-Zé**, homem muito religioso, solteiro, cunhado dos Alexandres, que sempre trauteavam cânticos religiosos, fazia tamancos de pau de figueira e não de castanho por nunca se gastarem...

A rapaziada da escola, nos intervalos, ia até casa dele, gostando muito de o ouvir cantar.

Um dia lembrou-se de aproveitar o tronco de um castanheiro que tinha na Ladeira da Mata para fazer um Santo. Um Senhor dos Passos.

Falou com o sr. Vigário, Padre Abílio que a rir lhe foi dizendo ser boa ideia.

O **Ti-Zé** cortou, cortou, mas nada conseguia fazer. Um dia no fim da missa, o sr. Vigário perguntou-lhe: — **O Zé** então já fizeste o Senhor dos Passos?

Ao que ele respondeu: — Já tenho pouca madeira e agora só fazendo um Menino Jesus...

Um dia apareceu ali um sr. de Alge, vindo de África, trazendo um gramofone de grande campanola, um filho mulato e algum capital que empregou na restauração da sua casa e compra de umas terras.

Um dia morreu e os seus bens foram disputados pelos parentes e pelo mulato, assunto que o tribunal teve de resolver. Neste lugar viviam ainda alguns Abreus, boas famílias que depois se espalharam por diversas terras, como Azeitão, Aguda, etc.

Dizia minha avó que os Abreus tinham vindo fugidos, quando das invasões francesas, dos lados de Agria e Bairrão. Os franceses passando pela ponte romana do Cabril espalharam-se pelo lado poente. Um senhor Abreu, fugiu com a sua família pelas margens da Ribeira de Alge e foi esconder-se nas Fragas da Pena onde esteve escondido até à retirada dos inimigos. Seguidamente instalou-se no lugar do Casal. Seu descendente devia ser o Padre José Simões Abreu que ali nasceu e morreu. Era possuidor de boas terras de milho e minha avó ali prestou serviços domésticos durante bastante tempo.

Também da mesma família, em Aguda se instalaram 2 freiras velhinhas, que tiveram de abandonar o convento, tias-avós de Ludgero Carvalho de Abreu que assim me relatou por o ouvir dizer aos seus antepassados.

V. N. de Poiares, 8-1-71

M. Leal Júnior

Lar em festa

No dia 27 de Dezembro comemoraram o aniversário de casamento o sr. Dr. Artur dos Reis Torgal, distinto Professor do Colégio de S. Pedro, em Coimbra e a sr.ª D. Maria Carolina Coelho Ribeiro.

Além da missa por sua intenção houve uma refeição íntima na Pedra do Ouro em que também participaram o Pároco, Dr. João Quintela, esposa e filha, Eng.º Horácio Maia e Costa e família.

Ao simpático casal auguramos as maiores felicidades.

ANO NOVO! VIDA NOVA...

(Continuado da 1.ª pág.)

todas as velharias no lixo, respiramos fundo e dizemos mais uma vez:

«Ano novo, vida nova». «...Deixemo-nos de coisas velhas que já não servem para nada...»

Assim pensamos nós, assim agimos sobre aquilo que de material nos rodeia!

Mas... Quantos teríamos pensado no outro lado das coisas — no espiritual?

Quantos de nós teríamos visto que, na realidade, não é só preciso arrumarmos gavetas e deitarmos fora o que já não presta, mas também é preciso varrer e deitar fora tanta coisa que de menos correcto a nossa consciência nos acusa do 70 que acabou!

Vamos dar uma vista de olhos por esse 70 findo. Vamos rever com atenção o nosso procedimento, e no fim de termos chegado à conclusão certa de que nem tudo foi tão bem como deveria ter sido, vamos, cheios de uma vontade firme, varrer, mas de vez, tanto egoísmo esquecido, tanta indiferença à miséria, tanta falsa alegria, tanta amizade fingida!

Para que, de alguma maneira, possamos enfrentar a verdade ao dizermos a frase tão dita e redita: «Ano novo, vida nova»; vamos neste ano que começou saber dar as mãos sem olhar a quem; saber dar-mo-nos um pouquinho mais àqueles que precisamos de nós; esquecer aquele bocadinho de egoísmo que tanta vez nos impede de fazer tanta coisa. Vamos dar tudo por tudo para nunca mais virar a cara àquela miséria pela qual passamos todos os dias ao ir para o emprego; deixar de procurar no porta-moedas, a moeda mais pequenina para aquele irmão que caiu na desgraça e agora nos pede auxílio!

Assim, cheios de boa vontade, pondo de lado tanta coisa de que a consciência nos acusa, podemos todos, em conjunto e numa sã alegria, clamar com verdade:

«Ano novo, vida nova!»

Coimbra, Jan. 71

E. A.

A PAZ

— Apelo instantâneo de Paulo VI

(Continuado da pág. 1)

racismo em 1971. O 1.º artigo da Declaração Universal dos Direitos do Homem estabeleceu para todos os princípios da fraternidade humana: Todos os homens nascem livres e iguais na dignidade e nos direitos; são dotados de razão e de consciência e devem comporta-se uns para com os outros, como irmãos.

Algumas declarações, formuladas por outras grandes organizações internacionais, testemunham a aspiração universal ao respeito pelo homem como pessoa.

Mas, infelizmente, essas declarações estão muito longe de serem realizadas.

Vinte e cinco anos depois de terminar a Segunda Guerra Mundial e de ser criada a Organização das Nações Unidas, o racismo aparece como ameaça especialmente grave contra a paz: desfigura a imagem do homem, deforma as consciências, separa violentamente os homens entre si e divide as nações. Alguns modos de pensar difundiram-se e radicalizaram-se profundamente nos espíritos. As relações sociais são influenciadas de modo claro ou vago. Reivindicam-se tradições culturais para afirmar a superioridade de uma raça sobre a outra e, em certos casos, houve até a pretensão de fazer referência à Sagrada Escritura para apoiar teses e práticas racistas.

Ao mesmo tempo que o mundo adquire cada vez mais consciência da sua unidade e da sua dependência recíproca de todos numa necessária solidariedade, o tema do próximo Dia Mundial da Paz, unindo-se ao esforço internacional chama a atenção dos homens para esta injustiça, inspi-

rada por motivos insustentáveis e contrários a qualquer magnanimidade, declarando: «Todos os homens são meus irmãos». E, para esperar que a acção conjunta de todos leve ao amadurecimento de novas garantias jurídicas, eficazes para todos, independentemente da raça, da cor ou do grupo étnico.

O Dia Mundial da Paz tem um objectivo essencialmente educativo. Os homens são convidados a fazerem um exame de consciência, porque a educação não consiste em julgar e condenar os outros, nem em usar a violência, mas em procurar, primeiro que tudo, aquilo em que cada um é cúmplice do mal. Não se trata de uma cruzada contra os homens, os regimes ou as nações, mas de uma aplicação, na vida de cada um, da vontade ardente de manifestar a todos os homens a estima, o respeito e o amor que ele merece não só como membro da família humana, mas também como criatura de Deus e objecto do seu amor.

Independentemente dos indivíduos também é apresentada a ocasião para um exame colectivo do comportamento da nossa geração: em que medida a força deixou de vencer sobre o direito, os fracos têm possibilidade de se fazerem ouvir e os empenhos internacionais relativos a estes problemas são levados em consideração? Se é verdade que pertencemos a uma mesma Humanidade, é evidente que as questões levantadas, pelas diversas formas de discriminação entre os homens, constituem um assunto que diz respeito a toda a humanidade, porque a responsabilidade pelo próximo, qualquer que seja a parte do globo em que ele se encontra, pertence a todo o mundo: todos se tornam realmente guardadores dos seus irmãos.

Três jovens arrebatados à vida

(Continuado da 1.ª pág.)

fizeram a longa jornada do Ultramar para acompanhar seu filho à última morada.

O funeral foi afirmação eloquente de solidariedade de colegas, família, professores, autoridades. Missa em Santa Cruz, a urna aos ombros dos estudantes, até à ponte de Santa Clara, presença do Reitor do Liceu D. Duarte, professores, presidente da Câmara de Coimbra, representante do Governador Civil. Depois, até Chão de Couce, centenas de estudantes e os outros amigos que se fizeram transportar em 2 auto-carros e em dezenas de automóveis.

Consagração eloquente da amizade e consideração para com um jovem e sua família.

ALEXANDRINO FERNANDES é o nome de outro jovem ceifado pela morte, filho de Artur Fernandes e Esposa, da Corga. Este em Angola, na sua missão de soldado, conforme já noticiámos. Tinha 21 anos.

A chegada do seu corpo foi em 4

de Dezembro e foi rodeado de honras militares e da amizade, da dor e das lágrimas de grande número de conterrâneos.

FERNANDO FREIRE RODRIGUES se chamava o terceiro. Era natural do Alqueidão e fora colhido por um automóvel pouco antes de partir para serviço militar, próximo de Ansião, junto às Alminhas da Fonte Galega.

Era filho de António Rodrigues e de Maria da Conceição Feire.

Seu companheiro da desdita o jovem Alfredo Simões Borges, de 19 anos, da Ameixieira, que ainda se encontra hospitalizado em estado grave.

Na derradeira jornada para a «terra da verdade» estiveram presentes novos e velhos, em multidão, a sentir com a família a dor e o luto.

Que descansem em paz os que assim tão cedo foram chamados à vida eterna. E a suas famílias a expressão viva do nosso pesar.

O JORNAL

— Orgão de Apostolado

por J. PINHO NUNES

Nos poucos dias que passei em Chão de Couce, donde trouxe agradáveis recordações, pude admirar e apreciar as profundas tradições religiosas do seu povo. E também admirei a preocupação do seu Pastor em fazer chegar a instrução religiosa aos paroquianos que menos assiduamente frequentam a igreja, através do jornal. A propósito, muito me apraz deixar aqui algumas considerações sobre a Imprensa.

Apesar dos modernos processos de divulgação de ideias, mais rápidos e mais cómodos, o jornal continua a ser um dos mais eficientes meios de informação e de apostolado. Vale a pena recordarmos, como valor de orientação, o testemunho de alguns dos últimos Papas.

Leão XIII considerava a imprensa católica imprescindível na defesa da Religião, a melhor arma que pode frustrar os planos dos seus inimigos.

S. Pio X, que não hesitaria em vender a sua cruz peitoral para conservar o jornal da Santa Sé, julgava inútil construir igrejas, pregar missões e fundar escolas, sem manejar a espada da imprensa católica.

Pio XI declarou «dignas de louvor e de incremento todas as obras educativas que se propõem tornar conhecidos os perigos morais se religiosos, muitas vezes traiçoeiramente divulgados em livros e espectáculos, e se consagram a difundir boas leituras». Em 1935, disse aos jornalistas franceses que acompanharam a Roma o ministro Laval: — «Vós, jornalistas, sois os grandes senhores da palavra. Não atraíeis nunca a verdade, não escrevais nunca uma palavra que possa dar alento ao erro ou ao mal».

Dirigindo-se a um grupo de jornalistas americanos, em 1950, disse Pio XII: — «A verdade precisa de voz, e a voz mais poderosa, a que alcança o grande público, é ainda hoje a da Imprensa». No mesmo ano, afirmou no III Congresso Mundial da Imprensa Católica: — «Onde não apareça manifestação alguma da opinião pública, e sobretudo onde tenha que reconhecer-se a sua total inexistência, qualquer que seja a razão de tal ausência ou mutismo, não podemos deixar de ver nesse fenómeno uma doença, um vício, uma lacuna na vida social». Em 1955, falando aos jornalistas italianos que comemoravam o 10.º aniversário do seu sindicato, afirmou: — «É preciso que a opinião pública se torne cada vez mais acessível às razões profundas que condicionam a paz e o bem-estar da vida social, isto é, o sentimento da dignidade do homem, das suas responsabilidades sociais, das suas obrigações para com a comunidade».

Aos jornalistas que tomaram parte no III Congresso Nacional da União da Imprensa Periódica Italiana, resumia assim o Papa João XXIII as normas da Imprensa: «sentido da responsabilidade, honestidade sem atenuantes e amor à verdade».

O actual Pontífice Romano, Paulo VI, em carta dirigida ao presidente da União Católica da Imprensa, por ocasião do VIII Congresso da Imprensa Católica, reunido em Berlim, em 1968, disse aos jornalistas: — «Nestes anos difíceis, a vossa vocação é a de auxiliar os homens a compreender-se, a viver em paz e a orientar-se com bom sentido no caminho de uma nova sociedade. A vossa maneira, deveis ser, dentro da vossa profissão, testemunhos que, compreendendo a evolução do mundo, sejam capazes de traduzir a mensagem de Cristo, de forma adequada e inteligível». Falando aos dirigentes e redactores da «Voz do Povo», de Bréscia, sua terra natal, em 1969, afirmou: — «O jornalista é um piloto, precisa de ver o presente e o futuro, e ter consciência da sua imensa, incalculável responsabilidade. A arte do jornalista consiste precisamente na aplicação feliz das ideias às situações concretas de um dado momento histórico». Aos peregrinos de Milão, referiu-se ao jornal católico daquela cidade, «Avvenire», em Novembro de 1970, declarando: — «A imprensa católica é um problema urgente e imperioso, que nos merece a mais viva solicitude». Na sua recente viagem ao Extremo Oriente, disse aos jornalistas que o acompanhavam: — «Sabemos como é duro o vosso trabalho. A vossa actividade é difícil, mas nobre. O ideal que servis é a verdade. Nunca deformeis a verdade. Os jornalistas podem fazer imenso bem só pela maneira como apresentam as notícias. A vossa consciência é o juiz e nós rezamos para que ela seja sempre justa e que esteja sempre ao serviço da verdade».

O Cardeal Mercier, arcebispo de Malines, de bom grado renunciaria à construção de uma catedral, se o dinheiro a isso destinado fosse necessário para a fundação de um jornal católico.

S. Pio X afirmou que S. Paulo, se visse hoje, seria jornalista. E assim devemos realmente considerá-lo, pois as suas Cartas são a única forma de jornalismo possível no seu tempo. Com que amor e entusiasmo ele o praticou para servir o alto ideal de apostolado!

Perante as dificuldades de evangelizar os protestantes de Chablais com a pregação na igreja, S. Francisco de Sales — o glorioso apóstolo das Letras — resolveu escrever folhas soltas, que à noite mandava distribuir pelas suas casas. Era o jornalismo que as circunstâncias aconselhavam. Pio XI declarou-o patrono da Imprensa Católica, em 1923.

Perante depoimentos tão autorizados, nenhuma dúvida pode restar sobre a nobreza e a utilidade da Imprensa Católica, no nosso tempo.

Bem haja, pois, o Sr. Padre Adriano pela iniciativa de fundar em Chão de Couce um jornal, como tinha feito já nas outras paróquias onde trabalhou, e pela dedicação que lhe vem consagrando, a bem da Igreja e dos seus paroquianos.

P. PINHO NUNES

PARA QUANDO NO CONCELHO DE ANSIÃO

ADEGA COOPERATIVA

Todos os que duvidam dos benefícios do cooperativismo deviam visitar as dezenas de adegas cooperativas espalhadas pelo país e trocar ideias com os milhares de sócios das mesmas.

Resido actualmente em Sobral de Monte Agraço onde existe, para bem da lavoura local, uma dessas modelares instituições. Tem ela presentemente quatrocentos sócios os quais lhe entregam as suas uvas na certeza de que terão a sua produção beneficiada e por conseguinte mais rendimento das suas explorações agrícolas.

Para se fazer uma ideia clara dos benefícios que as adegas cooperativas trazem à lavoura basta dizer que esta foi fundada em 29 de Março de 1961 com uma capacidade de armazenagem de cinco mil pipas e que hoje, passados dez anos, sente-se na necessidade de ampliar as suas instalações para o dobro.

Ora isto prova sobejamente que o lavrador verifica que devido à acção da sua adega recebe hoje pela sua produção

mais, mas muito mais, do que recebia quando laborava o vinho em casa por processos rotineiros.

A adega cooperativa não faz, nem pode, aumentar a produção dos seus associados, mas faz, porque pode, vinho de alta qualidade obtendo assim preços mais compensadores.

Todo o lavrador da vasta região de Oeste já o verificou e por isso existem na área as seguintes adegas cooperativas: Sobral de Monte Agraço, Aruda dos Vinhos, Azoeira, Olhalvo, Merceana, Carvoeira, Dois Portos, Torres Vedras, Cadaval, Bombarral, São Mamede, Cartaxo, Alcanhões e Vermelha. Tudo isto num círculo com poucos quilómetros de raio.

Se nos lembrarmos que estão ainda em organização as adegas de Vilar, Alenquer e outras, fácil será chegar à conclusão de que toda a região vinhateira do país estará num futuro mais ou menos próximo coberta de adegas cooperativas.

Porque espera Ansião?

Somos de opinião de que os

produtores do concelho juntos com os de Aguda e Almofala, por exemplo, muito teriam a lucrar se pensassem a sério no caso.

Muito felizes nos sentiríamos se estas simples linhas viessem contribuir de alguma forma para isso.

Sobral, Dezembro de 1970.

Paco
(Do «Serras de Ansião»)

DIA DO EMIGRANTE

Celebrou-se em todo o País, em 10 do corrente, o «Dia do Emigrante».

Com carácter diocesano tal acontecimento foi celebrado em Alvaiázere com a presença do sr. Bispo Auxiliar D. Alberto Cosme do Amaral. Constatou de Celebração da Eucaristia na igreja paroquial e numa sessão cultural e recreativa no Cine-Teatro daquela vila.

Grande número de emigrantes e famílias da Diocese de Coimbra estiveram ali presentes.

A JUVENTUDE

É ASSIM...

Do «Diário Popular» recortamos esta notícia originária da vizinha cidade de Coimbra:

Trinta jovens estudantes, de ambos os sexos, de origem portuguesa, espanhola, francesa, inglesa, alemã e dinamarquesa, atarefaram-se presentemente, durante a manhã, numa missão que vai decorrer até ao dia 17, ajudando a construir um bloco residencial para pobres. Ocorre este trabalho nos terrenos da Misericórdia, à Conchada. Os participantes fazem parte do II Campo Internacional de Trabalho promovido pelo Centro Universitário de Coimbra.

Trata-se de um bloco residencial, igual aos três ali construídos pela Câmara Municipal, com o patrocínio da mesa administrativa da Misericórdia, cujo conjunto, depois da sua total concretização, substituirá o chamado «bairro da lata»,

de que ainda ali existe grande número de barracas.

Na parte da tarde, aqueles jovens dedicam o seu tempo a passeios de estudo e à prática de várias provas desportivas, numa recreação saudável de físico e espírito.

Se todos os nossos jovens patentessem o mesmo espírito de dedicação aos humildes, de fraternidade humana, não haveria razão para se falar, como se fala, em crise da juventude.

Não existiriam por aí tantas instituições que os nossos maiores, com tanto sacrifício fundaram e pelas quais a gerção actual manifesta solene desprezo — as associações de cultura e recreio, por exemplo — na situação decadente que todos nós sabemos.

Que bela página de humanismo estão a escrever aqueles 30 jovens, em Coimbra!

Com estes pode-se contar.



A V I D A É O M E L H O R C A T E C I S M O

Toda a catequese que se limita a ensinar «as verdades acerca de Deus» está hoje, de antemão, condenada a uma pura perda de tempo.

A catequese não pode ser mais uma simples exposição de dogmas e de preceitos, mas uma formação em ordem a uma vida cristã integral.

As crianças devem ser iniciadas, como convém, no Mistério da Salvação e na prática dos costumes evangélicos e introduzidas na vida da fé, da liturgia e da caridade do Povo de Deus.

Para tal se conseguir, é necessário apresentar às crianças as experiências que dão força e crédito à palavra que lhe anunciamos.

Estas experiências são tiradas da vida do Povo de Deus, quer no passado — Bíblia, vida dos santos, quer no presente — vida da Igreja liturgia, testemunho dos cristãos.

Daqui resulta o papel capital dado à Bíblia nos novos catecismos.

Ao lado da Bíblia, porém, outros sinais, outros testemunhos mais actuais serão igualmente reveladores de Deus à criança. Temos assim os sinais da Liturgia, a atitude dos cristãos que ela conhece: é o papel do testemunho trazido pelos cristãos de hoje, na primeira linha dos quais se encontram os pais.

Deus — é Alguém da Casa

Se é verdade que, numa família cristã, Deus é reconhecido e tratado um pouco como Alguém da casa — Alguém a Quem se fala e de Quem se fala, que tem lá o seu lugar e uma palavra a dizer — pode concluir-se que tal família será um lugar privilegiado para o contacto com Deus, o lugar de uma presença de Deus sentida, vivida e acreditada.

Muitos pais não sentem a importância do seu testemunho e verificamos o espanto da criança quando lhe impõem uma prática que eles mesmos não têm coragem de fazer. Por isso os pais se devem interrogar a eles próprios para não desencorajarem, com os seus exemplos, o esforço dos filhos.

O próprio catequista terá de ser, antes de mais, para as suas crianças um testemunho — alguém que já fez uma experiência de Deus.

O catequista não é um professor de religião, não faz à criança um curso de catequese, é alguém que fala em nome de uma comunidade para a qual Jesus é Alguém «Vivo», é o Senhor.

Evidentemente que o seu testemunho deve comportar uma parte de ensino, mas não pode de forma alguma, reduzir-se a um ensino.

O catequista, tal como os pais, tal como João Baptista, estará junto da criança para lhe designar Jesus e para lhe dizer na sua linguagem: «Eu sou o Cordeiro de Deus».

Não se trata de fornecer à criança um resumo de teologia em «comprimidos», nem tão-pouco de se procurar que elas conheçam «tudo» como definições adequadas.

Trata-se sim de lhes fazer encontrar verdadeiramente Jesus Cristo, desenvolvendo os aspectos do mistério de Cristo e as palavras que os possam «encontrar»,

de lhes fazer compreender da Sua mensagem tudo e só o que elas são capazes de abarcar.

Também aqui, como que no prolongamento do esforço dos catequistas, os pais têm um papel de grande importância a desempenhar. Eles, melhor do que ninguém, podem encontrar os pontos sensíveis que são como que os caminhos de acesso da criança ao Mistério de Deus. Eles, melhor do que ninguém podem medir o que a criança, em razão do seu carácter e da sua maturidade pode ou não pode atingir.

Eles, melhor do que ninguém, lhes podem explicar, numa linguagem adaptada, o que a criança tem dificuldade de compreender.

A vida cristã aprende-se «vendo viver». Tal como o aprendiz deve exercitar-se, debaixo da direcção



e exemplo de um artista confirmado para adquirir o manejo indispensável à profissão, assim o cristão em formação deve aprender da comunidade cristã e comportar-se como verdadeiro discípulo de Cristo.

O meio mais natural e mais imediato em que a criança aprende a viver a vida cristã são os exemplos da família. A esta pertence insuflar-lhe, desde a tenra idade, reacções espontaneamente cristãs; ensinar-lhe a entrar em contacto familiar com Deus; fazer-lhe discernir a presença de Deus junto dela, no dia a dia da vida.

Num terreno trabalhado, a Palavra de Deus anunciada na catequese não terá dificuldade em germinar e em dar fruto que permanece para além das crises inevitáveis da adolescência, até à idade adulta.

Impressões do Estrangeiro

V

AINDA ROMA. CASTELGANDOLFO

Roma, embora não faça negativas ao progresso (há zonas novas de construções ousadas todas voltadas para o futuro) a verdade é que vive sobretudo marcada pelo passado, pela história.

Quase se pode afirmar que a cada canto, em cada bairro ou ruela, há um pormenor, há uma construção, há uma estátua, há uma ruína, evocativa do passado e que tem algo a dizer-nos para enriquecimento do nosso espírito. E é isto que justamente atrai a multidão dos turistas.

O Foro Romano é um dos locais de autêntica peregrinação histórica quase obrigatória para quem visite a Cidade Eterna.

Lá estivemos no penúltimo dia da nossa jornada, numa tarde quente.

Mas o que é o «Foro»? Um conjunto de monumentos (em ruínas) de valor inestimável, construções feitas desde a fundação de Roma até ao período imperial, nas quais se desenrolaram importantes acontecimentos da vida pública dos romanos. Predominam vestígios de templos pagãos (antes de Cristo).

Mesmo ao lado do Foro Romano encontra-se o Coliseu, para onde, a seguir, nos dirigimos.

O Coliseu é um dos maiores monumentos da Roma imperial. Podemos dizer, até, o seu «ex-libris». Grande anfiteatro construído nos fins do I século d. de Cristo, ele servia para os espectáculos populares de combates entre gladiadores, sessões de circo e lutas com animais ferozes, podendo conter 50.000 espectadores. Tem quatro pisos (mais de 50 metros de altura) e é construído em forma redonda.

Impressiona a sua grandiosidade. Não impressiona menos, porém, tudo quanto ele evoca e recorda. Ali derramaram o seu sangue, em testemunho de fé cristã, em expressão de fidelidade a Cristo, milhares de mártires a quando do início da Igreja. Por isso o Papa Bento XIV o declarou sagrado e ainda hoje o Sumo Pontífice ali fez a Via Sacra, na Quaresma, em comovente cerimónia. Na contemplação das pedras veneradas do Coliseu, testemunhas de tanto heroísmo e fé, podemos fazer uma bela meditação sobre a fortaleza de alma dos primeiros seguidores de Cristo. Foi com emoção que abandonámos este monumento.

★

Estava no programa uma visita às célebres Catacumbas. O nosso cicerone, sugeriu: — porque não celebra lá a santa missa?

— Isso seria maravilhoso! — disse. E será possível? — Sim, basta marcar de véspera.

Lá fomos, pois, nessa tarde de sábado, com tal finalidade.

No percurso visitámos a igreja de S. Maria in Cosmedin, uma das joias da Roma medieval, com torre altaneira, — templo

entregue aos gregos que aqui celebram em rito bizantino. A entrada a célebre «Boca da Verdade», com uma curiosa tradição.

Na Via Ápia detivemo-nos ainda na conhecida igreja «Quo Vadis», onde, segundo uma piedosa lenda, Pedro teve uma visão de Cristo.

Finalmente as Catacumbas de S. Calisto, os célebres cemitérios subterrâneos dos cristãos. Ali se encontram sepultados milhares de cristãos, santos e mártires, dos primórdios da cristandade.

Chegámos. Um campo enorme com ruas ladeadas de sebes verdejantes. Um ambiente de silêncio e de paz. Ao longe a Roma cosmopolita.

É nosso cicerone um irmão salesiano belga, que esteve 35 anos no Brasil e que, por isso, fala perfeitamente a nossa língua. Descemos para debaixo da terra, a uma profundidade de 27 metros. Aqui a frescura em contraste com o calor lá de fora.

O nosso companheiro vai-nos elucidando, dizendo que as catacumbas são cemitérios privados, que há 52 catacumbas com um total de cerca de 200 kms. de extensão, que esta tem 17 kms. de vias, em labirintos difíceis, e é a mais importante de todas, que aqui estão sepultados 9 Papas, que tais cemitérios foram possíveis por haver rochas apropriadas, que aqui se juntavam, por vezes, os cristãos a celebrar os santos seus familiares e conhecidos e que nas Catacumbas estão sepultadas cerca de 100.000 pessoas com 900 mártires.

Aqui e ali divisávamos epitáfios (legendas), poemas, desenhos, etc., a testemunhar a fé dos primeiros cristãos — a fé nas mesmas verdades em que hoje acreditamos.

Marcou-se a missa para as 8 horas da manhã do outro dia — domingo.

Escusado será dizer que, depois, pontualmente lá estávamos fomos guiados a uma capelinha subterrânea e ali celebrámos sobre o túmulo dum mártir.

Oh! Aquela missa! Que fé! que emoção! Recordámos a nossa paróquia distante (Chão de Couce) com o seu povo na igreja, à mesma hora. E pedimos ali por todos. Um banho de espiritualidade e de fé!

★

Agora rumo a Castelgandolfo, a cerca de 40 kms., onde o Papa apareceria e falaria aos fiéis, ao meio dia.

Primeiro ainda através da Via Ápia e, depois, por outra estrada, eis-nos a caminho da pitoresca vilinha altaneira, onde o Papa tem a sua residência de Verão.

O tráfego é intenso. Centenas de carros transitam naquela direcção. O anseio de milhares de pessoas naquela manhã era o mesmo: ver e ouvir o Papa! Pois podia lá ser... «ir a Roma e não ver o Papa»?!

Fomos com tempo e — vá lá! — conseguimos bom lugar no pátio do Paço Papal. Outros não puderam sequer entrar, ficando

(Continua na pág. 6)

O R A Ç Ã O

escrita por Alexandre Soljenitsyne, prêmio Nobel da Literatura 1970, doente de cancro e escritor maldito na Rússia.

*Como é bom viver contigo, Senhor,
Como gosto de acreditar em Ti!*

*Quando o meu espírito fraqueja
E deixo de compreender,
Quando os homens mais inteligentes
Não conseguem ver mais nada
Para lá do fim do dia
E ignoram o que devem fazer amanhã...*

*Tu dás-me a clara certeza da tua existência
E a certeza do cuidado que tomas
Para que as portas do bem
Não sejam todas fechadas.*

*Chegado ao cume da glória terrestre
Contemplo com espanto o caminho andado
Que nunca teria conseguido descobrir sozinho
Um caminho surpreendente
Que me levou através da falta de esperança
A este lugar donde pude mandar à Humanidade
O reflexo dos raios da tua luz.*

*Vais continuar a deixar-me reflecti-la
Na medida em que for necessário.*

*E se eu não tiver tempo
É sinal que vais encarregar outros
De o fazerem.*

versão rítmica de M. Simões

PELO LUSITANO DE CHÃO DE COUCE

Lançamos no último número um apelo em prol de algumas reparações (balizas, balneários, pavimento) do campo e do novo equipamento para o Lusitano de Chão de Couce.

Não foi em vão.

De Brazaville veio o sr. António Silva (natural de Chão de Couce, com 20 dólares (566\$00) e da Zâmbia um cheque de 250\$00 do sr. Almerindo Rocha, acompanhado da seguinte carta:

«Não sou filho de Chão de Couce. Porém desde a minha idade de rapazola que piso esse torrão querido e mais tarde aí ligado pelos laços matrimoniais,

embora hoje ausente quero que me considerem como um dos amigos a quem o vosso «Apelo» foi lançado.

Junto envio um modesto cheque, uma pequena ajuda, confiado, porém, que o mesmo apelo espalhado pelos diversos continentes chegará aos olhos de muitos amigos do Lusitano de Chão de Couce.

Nesta quadra festiva do ano resta-me desejar à equipa do Lusitano e quantos trabalham pelo seu engrandecimento um Natal Feliz e um Novo Ano Próspero».

—★—

Muito obrigado a todos. E vamos aguardar outras ajudas.

POUSAFLORES

(Continuado da pág. 2)

Óbitos

No dia 24 de Dezembro, após prolongado sofrimento, faleceu o sr. Artur Simões, na sua residência da Charneca do Pessegueiro. Tinha 72 anos de idade. Foi uma grande manifestação de pesar o seu funeral. Presidiu ao referido funeral, em substituição do nosso pároco, o sr. P.º Manuel Simões, ilustre filho desta freguesia.

No dia 26 do mesmo mês, faleceu no lugar das Adegas, Alfredo das Neves, de 57 anos de idade, tendo recebido todos os Sacramentos. Foi sepultado no cemitério de Pousaflores, no dia imediato.

As famílias em luto as nossas condolências e a paz eterna aos falecidos.

P. Ricardo Gonçalves

Acaba de fixar residência na sua casa do Pessegueiro com a missão de auxiliar o Pároco de Pousaflores o prezado amigo sr. Padre Ricardo Gonçalves, que ultimamente exercia o múnus de capelão da Casa de S. Pedro, de Buarcos.

Os nossos melhores cumprimentos.

Rumo ao Lar

Na igreja do mosteiro de Leça do Balio (Porto) contraíram matrimónio no passado dia 20 de Dezembro a menina Dr.ª Maria



Suzette de Jesus Serra, prexada filha do sr. Henrique Rodrigues Serra, natural de Ameixieira e industrial em Lourenço Marques, e de sua esposa D. Cassilda de Jesus Serra, com o sr. Eng. Jorge Manuel da Silva Guimarães, de Coimbra.

O acto revestiu-se da maior solenidade.

*

Na igreja da Rainha Santa, em Coimbra, contraíram matrimónio, no passado dia 25, o sr. Eng. Manuel dos Santos Marques, filho do sr. Francisco Marques e da sr.ª D. Maria Celeste Rodrigues, naturais de Vila Verde, com a sr.ª Dr.ª Maria Fernanda Castanheira da Costa, filha dos srs. Bernardino Costa e de D. Alda Matias Castanheira Costa, de Santa Clara.

Presidiu ao acto e celebrou a missa nupcial o P.º Adriano Simões Santo, ex-pároco da freguesia de Vila Verde e particular amigo do noivo.

Apadrinharam o acto os srs. Américo dos Santos Bento, operário da Empresa Vidreira da Fontela e o sr. Edmundo Pinho Simões, locutor do Emissor Regional de Coimbra.

Após a cerimónia foi oferecido aos convidados, no Restaurante Napolitano, um bem servido almoço, que decorreu na mais franca animação.

O novo casal vai fixar residência no Tramagal, onde ambos são professores na Escola Técnica.

*

Na igreja paroquial de Ansião contraíram matrimónio o sr. Angelo Rodrigues, empregado comercial dos Armazéns do Pontão, filho do sr. Manuel Rodrigues e de sua esposa, de Ameixieira, e a menina Maria Rosa Moreira Rodrigues, filha do sr. José Rodrigues, carteiro, e da sr.ª Aurora da Silva Moreira, do Casal de S. Brás.

Apadrinharam Manuel Moreira Rodrigues e Alfredo Mendes Roberto.

*

Na igreja da Sagrada Família (Luanda), contraíram matrimónio Maria Helena Ferreira, filha de João Mendes Ferreira e de Maria da Luz Dias, com José António da Costa Melo.

*

Na igreja de Nossa Senhora da Guia, de Avelar, contraíram ma-

Boas-Festas «5 V»

INFORMA

(Continuado da pág. 10)

Recebemos alguns dos nossos assinantes e amigos amáveis cumprimentos de Boas-Festas.

Aqui agradecemos muito reconhecidamente com votos de feliz ano de 1971 aos seguintes senhores:

Américo Mendes — Joanesburgo; Adriano Marques — Lourenço Marques; Emídio Fernandes Curado — João Belo; Sociedade Filarmónica Santa Cecília, de Ansião; Emídio Lopes Godinho de Matos — L. Marques; Carlos António Rodrigues da Silva — S. P. M.; Comendador Alberto Mendes Rosa — U. S. A.; Sala de Imprensa de Leiria; José Eduardo Medeiros e pais — Joanesburgo; Maria Preciosa Medeiros e Família — Brasil; Carimundo Sul Pereira — Moçambique; João Augusto Martins de Oliveira e Esposa — Negage; António Medeiros — Brasil; Francisco Simões Santo — Moçambique; Ricardo Medeiros — Moçambique; Manuel Rodrigues da Silva e Esposa — Luanda; Armando Figueiredo Medeiros — Lourenço Marques; António Rodrigues Serralha — Beira.

A todos muito gratos.

gundos, esta consegue localizar a tentativa de sequestro e comparecer no sítio ou montar o cerco. Custará o aparelho cerca de oitenta contos.

● O PAPA E OS ALOJADOS EM BARRACAS

Paulo VI recebeu em audiência o Presidente e os membros do Conselho Municipal de Roma, a quem pediu providências em favor de 70 000 pessoas alojadas em barracas, naquela cidade. O mesmo apelo fora dirigido, publicamente, por Sua Santidade, pelo Natal do ano passado, quando o Papa celebrou Missa num dos bairros pobres dos arrabaldes romanos. O Conselho Municipal pouco tem feito neste sector, alegando o seu estado de insolvência (deve mais de 1 400 000 milhões de liras) e endossa ao Governo a tarefa da construção de casas para famílias pobres, que continuam afluindo à capital italiana.

O Papa insiste em que esses necessitados são cidadãos e nossos irmãos em Cristo, declarando-se pronto a contribuir financeiramente.

● AGRICULTORES INGLESES NO ALENTEJO

Estão no Baixo Alentejo oito famílias inglesas, uma comunidade de lavradores, além de um membro solitário. Não vivem perto uns dos outros. Espalham-se por Vila Alva, Alvito, Santana, Cabeça Gorda, Quintos, Castro Verde e Portel, terras em concelhos diferentes. Compraram as propriedades que exploram. Empregam a máquina em tudo o que seja possível. São eles próprios que executam as tarefas necessárias, e ajudam-se uns aos outros. Um daqueles lavradores fez da sua casa de campo um lar tipicamente inglês. Informou que tem apenas dois trabalhadores assalariados. Eles vivem em clima de franca e mútua colaboração e amizade. Embora dispersos, reúnem-se regularmente em casa uns dos outros. O exemplo destes lavradores poderá trazer algum proveito aos pequenos lavradores da nossa terra. Enquanto nós exportamos trabalhadores para o estrangeiro, vamos importando lavradores da Inglaterra. Só amam a terra aqueles que a cultivam.

● EMOÇÃO EM ESPANHA E NO MUNDO

Além das nove penas de morte preferidas contra seis réus, o Conselho de Guerra condenou, em Burgos, Espanha, quinze dos dezasseis nacionalistas bascos a penas de prisão num total de 519 anos, 6 meses e 4 dias.

Em conformidade com as conclusões do procurador, o tribunal absolveu a sr.ª Aranzazu Arruti, de 24 anos, única absolvição.

O general Franco comutou a pena de morte aos seis nacionalistas bascos.

● BRASIL: 92 300 000 HABITANTES

Os resultados do censo demográfico do Brasil, em 1970, transmitidos ao presidente Medici pelo ministro do Planeamento, Reis Velloso, acusam uma população da ordem dos 92 300 000 habitantes e uma taxa anual de crescimento de 2,7 por cento, no período de 1960-1970 — ou seja, 0,4 por cento menos do que no decénio anterior. A população do Brasil, em 1960, era de 70 970 000 habitantes.

Cidades mais populosas do Brasil: São Paulo, com 5 901 533 habitantes, Rio de Janeiro, com 4 296 782 e Belo Horizonte, com 1 232 708.

A «grande São Paulo» tem cerca de oito milhões e meio e a «grande Rio» 7 128 000.

Impressões do Estrangeiro

(Continuado da pág. 5)

de fora, contentando-se apenas com a aparição do Papa à janela. No interior é outra coisa! 11 horas... 11,30... 11,45... 12 horas! Pontualmente, na sacada eis que surge a figura branca do Santo Padre! Emoção! Há palmas, há vivas! Paulo VI a todos acena com amizade, com um sorriso nos lábios.

Todos ficam presos da sua palavra — a palavra clara e firme de Sucessor de Cristo, a palavra que atinge o mundo inteiro.

O Papa falou de paz, falou de amor, falou de Cristo. Dirigiu-se, também, a vários grupos presentes, entre os quais a um de portugueses — «amati portugueses».

Depois rezou o «ángelus» com o povo, após o que deu a sua bênção de Pai e de Pastor.

E aquela hora de emoção terminava com as aclamações plenas de fé e de entusiasmo.

★

E agora? Agora era a jornada a caminho de Veneza, a cerca de 1.000 quilómetros! Não chegámos lá nesse dia, claro que não! Mas chegámos a mais de meio caminho. Chegámos a S. Marino — próximo da praia de Rimini, à vista da costa oriental do Mar Adriático.

trimónio Arménio Rosa Rodrigues Dias, filho de Armando Rodrigues Dias e de Maria do Carmo Rosa, de Barroca (Chão de Couce), com a menina Maira Otília Gomes Pereira, filha de Ernesto Pereira e de Maria Etelvina Gomes, de Casal de Santo António (Avelar)

Foram padrinhos Américo Dias dos Santos e José Rocha. Presidiu ao acto, tendo celebrado a Santa Missa o sr. P.º Acílio Dias Mendes, conterrâneo e amigo do nubente.

Aos novos lares cristãos auguramos as maiores felicidades, com as bênçãos de Deus.

VOZ DOS MILITARES DO ULTRAMAR



PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Administração
CHÃO DE COUCE
Telefone 191 (rede de Avelar)

Condições de Assinatura Anual:

Continente	20\$00
Ultramar Português e Estrangeiro	30\$00
Por avião	60\$00

(Pagamento Adiantado)

Pagamento de assinaturas

ASSINANTES BENEFITÓRIOS

Com 158\$00 — Fernando Simões Vaz — África do Sul.

Com 100\$00 — Albérico Fernandes — Lisboa; Silvino Carreira Marques — Chão de Couce; Emídio Mendes Lopes — Lisboa.

Com 75\$00 — José Henriques da Silva — Mocimboa da Praia.

OUTROS ASSINANTES

José Marques Ferreira — Pedra do Ouro; D. Maria de Fátima Romão — Avelar; Abílio Gaspar Antunes Medeiros — França; Augusto Simões — Aguda; Augusto da Silva Alexandre — Gabela; Alberto Gaspar Jorge — Lisboa; Alcides Conceição Neves — Avelar; Ulisses Simões Estanqueiro — Tomar; José da Conceição Teixeira — Arega; Maria Angelina Mendes — Comoros; José Simões — Portelanos; Augusto dos Santos — França; Américo Nunes — Beira; Alberto Mendes Ferreira — Beira; Maria Emília das Neves

Marques — M. Redonda; Alfredo dos Santos Dias — França; António Faustino — S. Paulo; Alberto da Silva — Santos; Saul da Conceição Dias — Avelar; José da Silva — Alqueidão; Fernando Simões — África do Sul; Fernando José de Sousa — África do Sul; João Vicente de Palhota — Chão de Couce; António Rosa Medeiros — Lisboinha; Augusto Franco — Pontão; António Freire de Oliveira — Espinhal; José Lopes do Rego — Almofala; António Mendes — Cavadas; Acácio Marques da Silva — Guiné (2 anos); Henrique dos Santos — Ribeirinho; José Henriques Marques — Nova Freixo; Arlindo José Francisco — Lisboa; Artur da Silva Matias — Lisboa; Diamantino Medeiros — Lobito; José Simões Ribeiro — Mó; Alfredo Afonso — Serrada da Mata; Alberto Freire — Amieira; Abílio Simões — Lagoa; Virgílio Cerca — Q.ª da Rosa; Abílio Gonçalves — Furadouro; José Marques da Silva — C. Soeiro; António Afonso — Povral; Alfredo Godinho da Silva — França; António Afonso Lopes Ramos — Furadouro; Augusto Correia Luís — Bairro; D. Maria do Céu Novais — Lourenço Marques; Palmira dos Santos — Lisboa; Manuel Pedro Simões — P. Freixo; Manuel Ferreira — Montinhos; Manuel Freire dos Santos — C. Baixo; Arlindo Fernandes — África do Sul; Serafim José de Sousa — Quinta de Baixo; Fernando Simões — Rodésia; Adelino Sousa Medeiros — Santos; Augusto Marques — P. Ouro; Francisco Simões — Tojeira; Joaquim S. Minto — Espinheira; Eulália Faria — Rascoia; Arlindo P. Simões — Rodésia; Emídio Brás — Lisboa; Aníbal Zuzarte — Lisboa; Dr. Joaquim Rocha e Cunha — Coimbra.

NOTA — Além destes, que pagaram directamente, recebemos, também, as importâncias de numerosos assinantes a quem foi enviado o recibo pelo correio. Não nos é possível publicar o seu nome por absoluta falta de espaço.

Bissau, 10-12-70.

É com imensa alegria que me dirijo a si, a fim de lhe participar que o próximo jornal deve ser enviado para o «Casal Soeiro» visto ser lá a minha morada.

Já se passaram 21 meses que de lá parti, finalmente aproximando-se o dia do meu regresso. Estou ansioso que chegue o momento final em que o «Uige» largará do porto de Bissau com destino a Lisboa. Desejei tanto este momento, e cheguei a sonhar com ele, e eis que ele chega. Sinto-me e imagino como será a minha chegada ao seio familiar. Parece-me ver já no meio da multidão à minha espera, os rostos queridos meus familiares e amigos, de sorrisos abertos e corações a transbordar de alegria. A perspectiva deste momento faz-me viver com antecedência a alegria indescritível deste reencontro. Ah, como é bom voltar para os nossos.

Neste momento, porém, penso também nos meus camaradas a quem a Pátria exigiu o sacrifício das suas vidas, nos meus chefes e em tudo aquilo que por um motivo ou outro, me faz recordar para sempre estes 21 meses que passei nesta província portuguesa em defesa da integridade nacional.

Agradeço também à redacção da «Voz das Cinco Vilas» a pontualidade com que sempre me enviaram os jornais, um muito obrigado e até breve.

Sou
Acácio Marques da Silva



Natal! Nasceu Jesus! Estas palavras ressoam a todos os momentos aos nossos ouvidos, nesta quadra festiva.

Nos nossos corações, nasce uma nova esperança de amor, de justiça e de paz entre os homens. Mesmo inconsciente, desejamos um mundo melhor e sentimo-nos irmãos de todos os homens. Cristo veio trazer-nos uma mensagem que é amor. Veio ensinar-nos o caminho que conduz à paz e à felicidade.

É este o significado e a lição do Natal!

Quantos dias de Natal temos passado e que diferentes uns dos outros! Natal da nossa infância, na província, religiosamente festivo! Natal, passado no mato, longe do berço onde nascemos e do ambiente quente e acolhedor dos nossos lares! Natal, passado em Metangula, ou em qualquer outro lugar, no cumprimento de um dever sagrado!

Como diz o poeta:

«Não há pinheiros, não há neve, Nada do que é convencional Nada daquilo que se escreve Ou que se diz... Mas é Natal! Não há pastores nem ovelhas Nada do que é tradicional As orações, porém, são velhas E a noite é Noite de Natal.»

Em qualquer lugar que estejamos, será sempre Natal, se nos nossos corações houver mais amor e mais compreensão para todos os homens.

Este vosso conterrâneo natural de Pedra do Ouro, vem através deste desejar a todos vós, um Natal Feliz e um Ano Novo cheio de prosperidades.

Que este Natal longe de nossos lares — seja vivido em cheio: com alegria, unidos numa amizade sincera e sobretudo com muita confiança.

Carlos Alberto Jorge da Silva (natural de Pedra do Ouro, em serviço militar Algueres em Moçambique)



Um Apelo de Avelino Francisco, natural de Casal Soeiro (militar na frente de combate em Catete (Angola))

PARA TI, RAPARIGA

Tens 17, 18, 19, ou mesmo 20 anos?

Escuta-me por um pouco. És jovem, tens o dever de te preo-

cupar com os jovens que na Guiné, Angola, e Moçambique arriscam a vida dia a dia, hora a hora, digo mesmo, minuto a minuto.

Tens irmãos, noivo, parente ou um simples amigo no Ultramar? — Tens? — Então escuta: já escreveste este mês, esta semana, hoje mesmo?

Desculpa se assim imagino a resposta. Há moças que preferem, por vezes, mais cinco minutos de conversa com outra, e outros passatempos sem resultados práticos, esquecendo que nesses cinco minutos podiam escrever a quem tanto lhes agradece. Porém, preferem isso do que escrever a um irmão, parente ou simples amigo. Se tu rapariga verificasses, com os teus próprios olhos, a alegria que se encontra estampada na face de um soldado ao receber o correio e ficar com as mãos cheias de cartas!... Se tu rapariga, verificasses a imensa tristeza que invade um militar quando verifica que lá longe, na sua terra natal, se esqueceram dele... Se verificasses isto, estou certo de que melhor compreenderias as minhas palavras. Assim, resta-me a esperança de que, se porventura estiveres em falta, nas tuas horas de descanso vais escrever para assim minorar o sofrimento de alguém que cá longe anseia por uma palavra amiga.

Se tens cumprido o teu dever de boa irmã, noiva, parente ou amiga, os meus parabéns; e vê lá, não te esqueças de continuar, e acredita que as tuas palavras jamais são esquecidas, e Deus te pagará.

PARA TI, RAPAZ

Escuta, e antes de continuares a ler senta-te melhor no banco ou na cadeira, e lembra-te que daqui por poucos anos, meses, ou até dias, podes desejar fazer isso e não poderes; portanto senta-te melhor, e esquece por uns momentos a noiva, os bailes, uma festa, e ouve: tens um irmão ou amigo no Ultramar? Certamente que tens. Então escuta: já imaginaste que neste momento ele pode estar em apuros?

Estou de acordo contigo, mas já pensaste que podias minorar o seu sofrimento? — Jovem, este tropa que te escreve, também já aí esteve, este tropa também já preferiu um baile a escrever uma carta a um amigo; ele também já errou.

Quando aqui estiveres, não duvides que hás-de passar por tudo isto, e então compreenderás as minhas palavras. Entretanto pensa no que podes fazer por um rapaz que tem os mesmos problemas que tu, e que muito te agradece umas simples palavras que lhe dêem o alento e a alegria para melhorar e suportar os dias difíceis que possa estar a viver.

Era isto, rapazes e raparigas de todas as terras, que eu vos queria dizer; saudades para todos, os ardentes votos de muita saúde e um muito obrigado.

Sou vosso amigo de Além da Serra — Casal Soeiro.

Cerâmica de Figueiró dos Vinhos, Limitada

TELEFONE 162 (Rede) Avelar ALMOFALA-DE-BAIXO

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Telha marselha — Acessórios — Telha regional Tijolos furados de todos os tipos Tijolos prensados e maciços

Armazéns do Pontão

DE

RICARDO, FERREIRA, SANTOS, MARQUES & C.ª, L.ª
MERCEARIAS, VINHOS, SERRAÇÃO DE MADEIRAS

PONTÃO — AVELAR — Telef. 21 (AVELAR)

VAI A COIMBRA? VISITE
Ourivesaria FERREIRA
de
Humberto Marques Ferreira
OURO - JÓIAS - PRATAS - RELÓGIOS
Rua da Sofia, 147 Telef. 28891 COIMBRA

Mário Simões Vaz
Mercerarias Ferragens Miudezas Louças Malas
Materiais de construção Adubos TITAS «DYRUP» Rações TRIUNFO
GAZCIDLA
UMA CHAMA VIVA ONDE QUER QUE VIVA
Telefone 155 — Pedra do Ouro — CHÃO DE COUCE

O QUE SÃO E COMO TRABALHAM AS CONFERÊNCIAS DE S. VICENTE DE PAULO

A inserção responsabilizada do vicentino na Sociedade de S. Vicente de Paulo exige a comparticipação nas várias formas de vivência do espírito da missão vicentina — seja no contacto directo com os irmãos, seja nas diversas manifestações colectivas da Sociedade e, queremos frisar que o espírito da missão vicentina não pode parar perante qualquer fronteira: fronteira de tempo, fronteira do espaço, fronteira de ideias. O vicentino é alguém ao serviço de alguém. Em casa, na Conferência, na cidade, no País, no mundo inteiro. Ser vicentino é uma constante da vida. Há muita maneira de se ser cristão e são várias as maneiras de santificação de cada um, embora o ideal seja comum a todos. Ser vicentino é ser cristão através dos caminhos vicentinos, claramente expressos na Regra. Todo aquele que tem consciência do compromisso vicentino assumido, saberá compreender o que significam disponibilidade total em todas as circunstâncias e presença atenta e constante às necessidades do nosso irmão pobre de qualquer espécie de pobreza, mutilado do corpo ou da alma, próximo ou distante. A vocação vicentina poderá fazer-se viver com mais intensidade na nossa vida cristã, na medida em que concretiza no dia a dia o Mandamento Novo,

dinamizando as nossas capacidades de amar o próximo.

«O que é um vicentino?» perguntaram há pouco tempo a Henri Jacob, Presidente Geral da Sociedade. Ao que ele respondeu: «É um homem que foi tocado pelo Conselho do Bom Samaritano». Isto responde a tudo mas envolve um compromisso de vida porque a missão vicentina tem de ser de todos os momentos da vida, terá de pertencer a todas as épocas também sem qualquer preconceito ou tradição estagnante. Há que adaptar o espírito da missão vicentina ao meio, e usar os processos que a época e a necessidade do momento sugiram, sem receios de invocações nem limites de audácia cristã. É nesta civilização actual que deveria servir o homem mas muitas vezes o escraviza, nesta civilização que facilita os meios de vida mas põe com mais acuidade do que nunca o «porquê» e «para quê» da existência, que a caridade — o amor — a disponibilidade — a presença vicentina, é insubstituível junto desse mesmo homem perplexo, indeciso, desorientado, mais solitário do que nunca no meio de um mundo que ajudou a erguer mas que raramente consegue dominar.

Que o espírito vicentino possa compreender totalmente a sua árdua missão. Para isso todos

não somos demais. Hoje mais do que nunca devemos ouvir as palavras do Evangelho. «Ide por todas as cidades e lugares porque grande é a messe e os operários são poucos».

(Extractos de um artigo do Conselho Superior das Conferências, no Boletim das Conferências Femininas).

Do Conselho Particular das Conferências Femininas de S. Vicente de Paulo de Coimbra.

PARA OS SEUS SEGUROS

PREFIRA

IMPÉRIO

AGENTE:

ANTÓNIO FREIRE DE OLIVEIRA
VILA DO ESPINHAL



Franco Cabeleireiro

ARTE E BOM GOSTO
ao Serviço da Beleza Feminina
Filial: Vila do Espinhal, Abertos às 2.^{as} feiras
Telef. 32101 (Avelar)

LOSAMAR

Lopes, Santos & Marques, Lda



Azeite Fonte de Saúde — Armazém de Azeites
Serração de Madeiras — Materiais de Construção
Construções — Terrenos

AGENTES DA BP (Produtos para Agricultura)
Sulfatos — Adubos Compostos — Herbicidas
Insecticidas e fungicidas

PONTÃO — AVELAR

TELEF. 86



BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

SEDE SOCIAL — PORTO
SEDE CENTRAL — LISBOA

83 AGÊNCIAS E DEPENDÊNCIAS

AGÊNCIA EM CASTANHEIRA DE PERA

Porque não Natal todo o Ano?...

(Continuado da pág. 10)

frio e tudo, tal como há 2.000 anos em Belém.

Houve certamente muitas palavras belas, muitos desejos de Boas-Festas tradicionais, houve presentes; dádivas mais generosas dos que podem para os que precisam, ou num simples gesto de ternura e amizade entre amigos ou parentes próximos. Deixaram de troçar os canhões. Houve paz por poucas horas. Muitas festas de caridade. Mas, no meio de todas estas tão felizes recordações, apetece-me a mim, fazer esta pergunta:

— Porque não Natal todo o ano? Como este mundo seria bem mais belo, se cada um de nós e de vós, meditasse um pouco, e resolvesse realmente fazer com que fosse sempre Natal.

Havia alegria nos corações, mais paz nas famílias, menos corpos sem agasalho, mais crianças a sentirem felicidade de se saberem amadas, menos fome, porque todos os que podem haviam de repartir o que lhes sobra, pelos que nada possuem, durante todo o ano, ao longo das suas vidas.

Para quê as guerras? Era Natal sempre, e o Menino Jesus veio trazer uma mensagem: «Amai-vos uns aos outros» e os homens escutá-la iam, para a seguir, mas sempre e todo o ano.

Como a terra seria diferente e melhor! Porquê Natal, só uma vez a 25 de Dezembro? Será que só nesse dia e nesse mês, os homens são capazes de se deter um momentos para pensarem que afinal são irmãos, e como tal, têm de se amar?

Porquê, esquecer tão rapidamente essa mensagem sublime, que o Menino de Belém, nos veio trazer?

É ainda tempo de mudar de vida e recomeçar de novo amanhã.

Como tudo seria diferente.

Para quê afinal tanta ostentação, tanta festa de aparente caridade, tantas vezes para satisfazer apenas a vaidade pessoal ou suscitar sentimentos de admiração na empresa do vizinho?

Porque não vivemos como irmãos, aproximando-nos mais uns dos outros, dando caridosamente as mãos, para que os fracos e os humildes não estejam cada vez mais oprimidos e mais distantes? Porque não, amar a nossa juventude, entendê-la, de tal modo, que os seus espíritos inquietos encontrem a serenidade, se soubermos restituir-lhes o ambiente de paz, de harmonia, de calma, que falta em tantas famílias e os faz andar dispersos e em permanente contestação?

O mundo tem fome e sede de amor, amor autêntico, tal como há 2 mil anos quando o Menino veio ao Mundo em Belém.

Saibamos realmente, aceitar a sua mensagem maravilhosa, de amor e perdão e, todo o calor, a ternura, a luz maravilhosa, os cânticos sublimes que irradiam ainda hoje do Presépio de Belém ficarão connosco ao longo de toda a vida, e, não apenas 1 dia, porque será sempre Natal!

Maria Alice Abreu Medeiros

NOTA

Há poucos dias, a 2 de Janeiro, reuniu-se em Avelar a pequena família responsável pela organização do jornal «Voz das Cinco Vilas».

Nessa reunião, alguém, muito justamente, inquiriu das razões que nos levaram a assinar a nossa modesta colaboração com um pseudónimo de Tãiss, que talvez para muitos, tenha constituído motivo de interrogação. Pois bem, daqui para diante, passaremos a por a nossa assinatura, esperando que os amigos e leitores, se nos dirijam com as suas críticas, sempre construtivas e úteis a que gostosamente responderemos quando houver razão para tal.

Combinado?

M. Alice Abreu Medeiros

A Igreja e a Promoção Social

(Continuado da pág. 10)

nam cristãos pode deixar de se sentir obrigado a melhorar as instituições temporais pelo respeito, pela dignidade humana e para eliminar os obstáculos à difusão do bem-comum».

O Papa recorda, porém, que é vão proclamar a grandeza do homem cortando-o da sua fonte, e que «o aspecto mais sinistramente típico do nosso tempo, é o de pretender construir um mundo humano sem Deus». A Igreja encara o homem total, considerando-o segundo a sua natureza intrinsecamente social e segundo a sua elevação a uma vida superior. Assim ela protege eficazmente a sua dignidade de pessoa humana.

A Encíclica fala de «Socialização», para resolver situações difíceis. Em que consiste? Em certas limitações do direito de propriedade a favor do bem comum. Diz «que os operários de-

vem ser chamados a participar na propriedade da empresa, na sua gestão, e, de qualquer modo, nos lucros realizados». Esta passagem foi considerada como uma luz verde para a cogestão.

«A socialização permite obter a satisfação de numerosos direitos pessoais, em particular, sociais e económicos».

Para a maior parte da humanidade, o problema mais urgente é o da fome, que é, ao mesmo tempo, efeito e causa da miséria em que vegetam um bilião e meio de seres humanos.

«Destruir ou desperdiçar bens indispensáveis para a sobrevivência de seres humanos, insiste João XXIII, é ferir a Justiça e a Humanidade. Imensas energias humanas e recursos gigantescos são consumidos em fins não construtivos».

Por isso ele fala de socialização, que difere do socialismo, porque aceita e respeita do homem em toda a sua integridade.

CHÃO DE COUCE

SALÃO PAROQUIAL

APELO

O Salão Paroquial de Chão de Couce é já uma obra que honra a freguesia. Necessita, porém, de um 1.º andar com salas de catequese de modo a que tenhamos onde, nas devidas condições, se possa transmitir a mensagem cristã às crianças.

Este melhoramento anda-nos na alma, há anos. Chegou agora a oportunidade de lhe dar a necessária realização. Vamos elaborar o projecto e esperamos iniciar os trabalhos em Julho.

E o dinheiro? De vários amigos que se vão lembrando das nossas obras e das economias da igreja temos presentemente cerca de 30 contos. O resto... há-de vir a pouco e pouco, de perto e de longe, dos bairristas e cristãos conscientes. Assim o esperamos.

Neste sentido, lhes fazemos este apelo.

Deus não faltará aos que colaboram nas Suas obras.

Novos Cristãos

Tornaram-se cristãos pelo sacramento do Baptismo:

— José Emídio, filho de Emídio Ventura Teixeira e de Maria Carmelinda da Silva, da Serra do Mouro. Padrinhos: Alberto Teixeira e Maria Augusta da Conceição Teixeira.

— Paula Cristina, filha de Manuel Godinho e de Maria Ermelinda da Conceição Lopes, de Espinheira. Padrinhos: Alfredo Godinho da Silva e Maria Isabel Correia.

— Ana Maria, filha de Albano Neves Marques e de Maria Otília Freire Marques, de Cabecinho. Padrinhos: José Eduardo Lopes e Fernanda da Conceição Lopes.

— Fernando Manuel e Elisabete Manuela, filhos de Fernando Freire dos Santos e de Maria da Luz Coimbra dos Santos, de Portelanos, nascidos em Villemonde (França). Padrinhos: respectivamente José Coimbra e Palmira da Conceição Freire, e Alberto Coimbra e Maria Luísa Marques.

Desejamos-lhes as maiores bênçãos de Deus.

Novos Lares

Constituíram cristãmente o seu lar pelo sacramento do Matrimónio:

— Alberto Caetano de Lima, viúvo, de Serra do Mouro, e Maria Almerinda Marques, do mesmo lugar.

Testemunharam Alberto Freire e Izilda Marques.

— Fernando Mendes Santo, filho de Alberto Mendes Santo e de Maria do Carmo da Conceição, de Furadouro, e Palmira Domingues Monteiro, filha de Manuel Rodrigues Monteiro e de

Florinda Domingues, de Marvila (Lisboa).

Testemunharam Orlando Augusto Barroso e Mário Vasco Lima de Almeida.

As nossas felicitações com votos das bênçãos de Deus.

Nas Mãos de Deus

Faleceram na nossa freguesia: — Carlos Lopes, de 94 anos, viúvo de Rosa de Jesus, de Relvas;

— Manuel Lourenço, de 52 anos, casado com Almerinda de Jesus Jorge, de Pombais;

— Manuel Lopes, de 72 anos, solteiro, de Cómoros;

— Jorge Vila Real Marques Ferreira, natural da Beira, de 19 anos, solteiro, filho de Raúl Marques Ferreira e de D. Maria Fernanda Vila Real Ferreira;

— João Ferreira Barbosa, de 66 anos, natural do Porto, residente na Ponte do Freixo, casado com Emília Rosa Calé;

— Rosa de Jesus, de 89 anos, casada com Manuel R. Borges, de Lagoa da Ameixieira;

— Maria José, de 82 anos, de Ribeirinho, viúva de Manuel Francisco;

— José da Silva, de 84 anos, casado com Maria Rosa, dos Cómoros;

— Fernando Freire Rodrigues, de 20 anos, solteiro, de Alqueidão;

— António Ferreira, de 33 anos, viúvo de Ana da Conceição Gaspar, de Cabecinho.

— Teresa de Jesus, de 84 anos, viúva de Manuel Simões, de Ameixieira.

Os nossos pêsames às famílias.

Natal dos Pobres

A Conferência de S. Vicente de Paulo da nossa paróquia

ofertou consoadas de Natal a 16 famílias pobres.

Também, por sua iniciativa, foi reparada a residência duma família protegida, com novo telhado e forro a madeira.

A Cerâmica Estrela do Pontão, a Serração de Ricardo Ferreira, Santos, Marques & C.ª, Lda, do Pontão, além doutros amigos, deram materiais e outras ajudas.

A Conferência continua a sua missão de bem-fazer. Quem lhe dá ajuda?

Reparo

Dizem-nos da Serra do Mouro que ali e lugares vizinhos continua a falta de água nos fontenários.

Se no inverno assim acontece, o que será no verão?

A quem de direito se pedem providências.

Notícias Pessoais

Entre nós têm permanecido alguns emigrantes em visita à terra-mãe.

Recordamos os seguintes senhores: Adriano Dias dos Santos e seu irmão Augusto Dias dos Santos, vindos de Santos — Brasil; D. Clara Serra Lopes, de Venezuela; Acácio Lopes Neno e Esposa, de Venezuela; Henrique Rodrigues Serra, de Lourenço Marques; Raúl Freire Marques, de Lourenço Marques; Manuel Mendes Ventura e Esposa, de Santos (Brasil).

Encontra-se também, entre nós, o sr. Comendador Alberto Mendes Rosa.

Para junto de seus filhos que se encontram em Santos (Brasil), partiu o sr. Joaquim Marques Ferreira, de Amieira, e sua esposa Maria da Glória Ferreira.

Felicidades lhes desejamos.

NOTA DO MÊS

(Continuado da pág. 10)

Almas em flor, como a deste miúdo, vão desabrochando num clima de lutas fratricidas e de sobressalto. Não é este um clima de mal-estar, a deformar estes caracteres em formação?

Como compreenderão e viverão eles o Amor se só quase ouvem falar de guerra?

†

MANUEL LOURENÇO

POMBAIS

Agradecimento

Almerinda de Jesus Jorge e filhos, de Pombais, vêm por este meio manifestar o seu muito reconhecimento a todas as pessoas que os acompanharam durante a hospitalização de seu chorado marido e pai, quer interessando-se pela sua, quer visitando-o e tomando parte, em tão grande número, no seu funeral, acompanhando-os na sua dor.

A todos o seu reconhecimento.

Pombais, 10 de Janeiro 1971.

21 de Fevereiro

DIA MISSIONÁRIO EM CHÃO DE COUCE

Sessão de cinema com o empolgante filme

«O PADRE DAMIÃO — APÓSTOLO DOS LEPROSOS»

no Salão Paroquial, às 15 horas.



NOTA DO MÊS

Encontro com uma criança

FUI ao declinar duma tarde fria. Sai de cada a dar alívio e remédio espiritual a um doente. Na falda da serra, numa encruzilhada do caminho, surgiu-me um garoto de palmo e meio, aí dos seus dez anos.

Éramos já conhecidos. O miúdo de calção e olhar vivo logo se dispôs a acompanhar-me e a indicar o caminho.

— «Vamos! É logo ali em cima!»

Na estrada estreita e pedregosa, ladeada de ramagens de árvores frondosas e de silvedos da terra úbera, a solidão é quebrada pela minha conversa com o moço.

O miúdo traz com muita vivacidade ao de cima o que lhe anda no coração. Diz... e diz bem, o filho da aldeia!

— «Pois quero ver se faço exame... Depois... Depois hei-de vez se saio daqui para fora...»

— «Queres ir para África?»

— «Ah! Isso não! quero ver se vou para o Brasil... Na! Com os pretos não quero nada... Andam sempre à pancada com os brancos! Que cle agora a guerra é já em todo o lado! Tenho lá em casa um rádio que dá guerra todos os dias... Que eu, afinal, nem sei para quê!...»

A conversa alongou-se, em simples banalidades.

Afastei-me depois do garoto que foi bom companheiro — um companheiro afável, prestável, simpático.

Em mim, porém, ficaram bem gravadas duas afirmações do pequeno.

«Hei-de ver se saio daqui para fora!» — um desejo de evasão, o ideal triunfante da aventura, que nos anda no sangue desde os tempos de antanho, a aspiração bem legítima duma subida do nível de vida.

De qualquer modo, temos que compreender e aceitar. Sômente uma pergunta: — serão os nossos jovens devidamente preparados para enfrentar o ambiente novo, cheio de perigos, nos aspectos moral e espiritual que os espera lá fora?

«O meu rádio todos os dias dá guerras...»

(Continua na pág. 9)

JANEIRO DE 1971

Colaboração dos jovens

CONVITE

«Voz das Cinco Vilas» desejaria ser tribuna aberta para os jovens manifestarem o que pensam e o que desejam sobre problemas de seu interesse.

Pedimos-lhes, pois, a sua colaboração que pode ser endereçada em simples carta.

PRÉMIOS

Em cada mês haverá 2 prémios a sortear entre os jovens que dêem resposta às perguntas formuladas.

Os prémios referentes a este número são os seguintes:

- 1.º — Livro «Problemas dos Novos»
- 2.º — Livro «Juventude Rebelde»

CONDIÇÕES

1. — Resposta até ao dia 5 do mês imediato ao da saída do jornal.
2. — Vir assinada a colaboração, embora possa publicar-se com um pseudónimo (suposto nome) se tal nos for pedido.

PERGUNTAS

E agora vamos às perguntas sobre as quais vais escrever, jovem leitor, a tua opinião:

1. — EM QUE CONDIÇÕES DEVERÁ DECORRER O CONVÍVIO ENTRE RAPAZES E RAPARIGAS?
2. — PARA OS RAPAZES: — QUE CONDENAS NAS RAPARIGAS DE HOJE?
PARA AS RAPARIGAS: — QUE CONDENAS NOS RAPAZES DE HOJE?

E pronto! Mãos à obra! Escreve o que pensas e envia, em simples carta, à Redacção da «Voz das Cinco Vilas» — Chão de Couce.

A Igreja e a Promoção Social

III

Em 22 de Abril de 1961, João XXIII declarava aos operários do porto de Génova:

«O Papa, que vos acolhe hoje, quer dissipar o temor de que certos venham a pensar que a Igreja insiste sobre a solução de problemas económicos por fins de propaganda. Tal preocupação seria mesquinha. A Igreja esteve e continua a estar ao lado dos seus filhos, durante a sua vida terrena com as mesmas solitudes, mesmo materiais, que Cristo teve pelo povo da Palestina, quando multiplicava os pães para multidões famintas, quando se inclinava, cheio de bondade, sobre o catre dos paralíticos, dos enfermos e dos murrubundos».

Em 15 de Maio do mesmo ano, era publicada a Encíclica «Mater et Magistra». Nela o Papa trata a fundo dos problemas sociais. Exprime os «seus votos pela for-

mação duma comunidade mundial cujos membros sejam todos conscientes dos seus deveres, e trabalhem em situação de igualdade para a realização do bem comum universal».

Marx disse um dia — «os filósofos nada mais fizeram do que interpretar o mundo de modos diferentes, mas trata-se de o transformar». Se só tivesse disto isto, diz um comentador, seria fácil chegar a um acordo.

João XXIII chama os homens para um «alistamento» e para um «compromisso», respeitando, porém, a liberdade de cada um. Deseja ardentemente que «todo o cidadão se sinta responsável pela realização do bem comum, em todos os sectores da vida social».

Nenhum daqueles que se «tor-

(Continua na pág. 9)

«5 V» INFORMA

● PAZ NO MÉDIO ORIENTE

Finalmente, Israel decidiu, no dia 28 p.p., voltar a participar nas conversações para a paz no Médio Oriente, rompendo um impasse que, durante seis meses, paralisou a missão do enviado especial das Nações Unidas, dr. Gunnar Jarring.

● CONTRA OS RAPTOS

Um sistema de alarme contra raptos pessoais acaba de ser inventado em Londres. É um mini-transmissor que emite sinais em determinada onda, captável pela Polícia. Em poucos se-

(Continua na pág. 6)

Porque não Natal todo o Ano?...

TERMINOU há tão poucos dias a quadra festiva do Natal. E que saudade sentimos já. Ainda há vislumbres de música suave nos nossos ouvidos, ainda cintilam as fitas de cores,

as estrelas dos presépios teimam em manter-se vigilantes, na memória dos que as não querem deixar fugir.

Este ano, foi Natal com neve. (Continua na pág. 9)

A Palavra do Pastor

ANO NOVO

1. — A minha primeira palavra de saudação de ano novo, não pode deixar de ter uma nota pessoal.

Quis o Senhor visitar-me com a doença, ao longo de já quase dois meses. A doença é uma graça para aqueles que a souberem compreender; e eu penso que, neste caso, será uma graça também para a Diocese: faz-nos entender melhor o valor da saúde e o valor da vida, o valor do tempo e da eternidade.

Quero agradecer a todos os que têm rezado por mim, e dizer-lhes que já tive a consolação de celebrar a Santa Missa no dia de Natal e em alguns dos dias seguintes. Logo que o Senhor permita, quero estar ao vosso serviço na acção; mas ainda por algum tempo devo ficar ao vosso serviço na imobilidade. Entretanto, graças à generosa dedicação do Senhor Bispo Auxiliar, as actividades pastorais da diocese têm prosseguido no seu ritmo normal.

2. — Com a fórmula geral dos meus votos de feliz Ano Novo, em queria levar a todos os diocesanos de Coimbra o desejo sincero de que 1971 lhes traga sobretudo a abundância da Paz do Senhor.

Não esqueçamos, porém, que temos de ser nós os obreiros da Paz, na medida em que preparamos os caminhos do Senhor. Eu queria traduzir esta afirmação em linguagem de pastoral diocesana.

O Senhor pede-nos a todos que trabalhem na construção do seu Reino nesta nossa diocese. Pede ao bispo que seja Pai na Fé e orientador nos caminhos da vida cristã; pede aos sacerdotes que sejam também pastores, compartilhando da missão única do bispo; pede até a alguns leigos que tomem parte activa nesta missão, na sua qualidade de leigos; e pede a todos que procurem fazer crescer o Povo de Deus em extensão e profundidade.

Que este ano nos empenhemos todos na realização muito concreta da vontade de Deus a nosso respeito.

Coimbra, 1 de Janeiro de 1971.

† FR. FRANCISCO, Bispo de Coimbra



NEVOU

No dia 27 de Dezembro e 3 de Janeiro, branco manto de neve cobriu toda a nossa região!

Espectáculo de beleza aos nossos olhos que veio culminar o frio de enregelar como quase não há memória.

(Continua na pág. 9)